

 k AHIMTB Resende Mal Mário Travassos	O GUARARAPES ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA FEDERAÇÃO DAS ACADEMIAS DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL (FAHIMTB) E DA AHIMTB/Resende MARECHAL MÁRIO TRAVASSOS O CENTENÁRIO DA 1ª GUERRA MUNDIAL E A PARTICIPAÇÃO DO BRASIL COM O SEU EXÉRCITO E MARINHA CGC 0149.52/0001-09 www.ahimtb.org.br FHE POUPEX
Fundadas em 23 de abril de 2011 em continuidade a AHIMTB fundada 1º Março 1996	Ano 2014, nº 31 – FAHIMTB AHIMTB/Resende, Julho

CENTENÁRIO DA 1ª GUERRA MUNDIAL (28 JUL -11 NOV 1918) E PARTICIPAÇÃO DO BRASIL

Cel **Claudio Moreira Bento** Presidente da FAHIMTB e da AHIMTB Resende
Marechal Mário Travassos

Esta guerra envolveu todas as grandes potências da época . De um lado a Tríplice Aliança (Alemanha(Áustria, Bulgária e Império Otomano). Este último outrora poderoso, era integrado por partes do Oriente Médio, do Leste Europeu e do Norte da África e foi dilacerado na 1ª Guerra Mundial e abolido em 1923 com a criação da Republica da Turquia. De outro lado os Aliados a Tríplice Entente (Reino Unido, França, Rússia, Japão, Bélgica, Sérvia , Itália, Romênia, Grécia, Estados Unidos, Canadá, Nova Zelândia , África do Sul, Montenegro, Portugal e, o Brasil , o único país da America do Sul a participar do conflito e que declarou guerra a Alemanha em 1º jun 1917..

Durante esta guerra estima-se que foram mobilizados mais de 70.000.000 de militares dos quais cerca de 60.000.000 na Europa. Deles morreram mais de 9.000.000 de combatentes em decorrência dos avanços da tecnologia armamentista e. especialmente combatentes de Infantaria, empregados de forma maciça em ataques frontais temerários. A

ausência dos homens dos campos de produção agrícola trouxeram graves prejuízos para as lavouras muitas das quais destruídas ou afetadas pela guerra e as mulheres em expressivo número foram substituir os homens nas indústrias armamentistas que, por sua vez impediram ou prejudicaram atividades industriais nestes países, obrigando o Brasil a desenvolver sua indústria e lucrar como as exportações para a Europa de borracha, cacau e açúcar. E com a desorganização dos mercados mundiais a exportação do café o principal produto brasileiro de exportação entrou em crise. Com o final da guerra a tristeza tomou conta dos países pela suas imensas perdas humanas, conforme estimativa a seguir:

A Alemanha teve **1.950.000 mortos**, dos 13.250.000 envolvidos no conflito.

A Rússia teve **1,700.000 mortos** entre os 1.700.000 milhões envolvidos no conflito.

A França **1.500.000 mortos** entre 1.500.000 milhões envolvidos no conflito.

A Áustria Hungria teve **1.050.000 mortos** entre os .9.000.000 milhões envolvidos no conflito.

A Grã-Bretanha **1.000,000 de mortos** entre os 9.500.000 milhões envolvidos no conflito..

A Itália **533.000 mortos** entre os 5,600.000 milhões envolvidos no conflito.

O Império Otomano **325.000 mortos** dos 2.850.000 milhões envolvidos no conflito.

Os Estados Unidos **116.000 mortos** entre os 3.800.000 que lançou no conflito.

O Brasil teve cerca **158 mortos** não computados os que pereceram nos torpedeamentos de seus navios mercantes



A causa imediata da 1ª Guerra Mundial foi o assassinato do Arquiduque da Áustria, Francisco Fernando, herdeiro do trono Austro - Húngaro, pelo estudante nacionalista sérvio bósnio, Gavrilo Princip, membro da Sociedade Secreta Mão Negra. Ao lado foto da prisão de Gavrilo, estopim para esta tragédia que provocou a morte de cerca de 9.000.000 de pessoas, além de outras consequências funestas que aqui abordaremos. Seu ato criminoso resultou num Ultimato dos Habsburg a Sérvia que deu início a 1ª Guerra Mundial

As grandes potências formaram alianças em acordo com os em seus objetivos geopolíticos. E depois de uma semana estavam em guerra nela envolvendo suas colônias e a guerra logo assumiu pela primeira vez na História, contornos de Guerra Mundial.

A guerra iniciou com a invasão da Sérvia pelo Áustria - Hungria , seguindo-se a Alemanha que invadiu a Bélgica. E a Rússia atacou a Alemanha para conter o seu avanço sobre Paris.

A Frente Ocidental se estabilizou numa guerra estática, a Guerra de Trincheiras que somente teve variações de expressão até 1917. Muitas delas atingidas pela fome e doenças de seus defensores.



Uma visão das trincheiras numa guerra de estabilização das frentes)

Na Frente Oriental a Rússia lutou contra a Áustria - Hungria , mas foi forçada a uma retirada pelo Exército Alemão. E foram abertas frentes secundárias, com a entrada na guerra do Império Otomano em 1914 e da Itália e Bulgária em 1915 e da Romênia em 1916. O Exército Russo entrou em colapso com a Revolução de 1917 e deixou o campo de batalha.

Foram derrotadas ao final da guerra militar e politicamente, as quatro potencias imperiais: Alemanha, Rússia, Áustria- Hungria e Império Otomano. A Alemanha e Rússia perderam territórios e os impérios Austro Húngaro e Otomano foram completamente desfeitos. O mapa da Europa foi redesenhado com novas e pequenas nações, e foi criada a Sociedade de Nações na esperança de prevenir de futuro outros conflitos semelhantes.

Os nacionalismos europeus espoliados pela guerra, a dissolução de impérios, as repercussões da derrota alemã e os problemas gerados pelo Tratado de Versalhes foram considerados fatores para a eclosão da 2ª Guerra Mundial.

Causas principais da 1ª Guerra Mundial

O objetivo imperialista das principais potencias européias. E, em especial a Alemanha, desejosa de espaço vital e assim conquistar colônias e mercados, do que foi privada ao lutar para unificá-la .

Ideais geopolíticos expansionistas da Áustria – Hungria, Rússia e Itália.

Exaltação nacionalista radical da Sérvia e de outros países de ódio contra a hegemonia do Império Austro Húngaro.

Campanhas armamentistas dos países industrializados Alemanha, França e Itália para garantir seus interesses geopolíticos.

Principais consequências da 1ª Guerra Mundial

A ruína econômica dos países derrotados, e em especial a Alemanha que foi obrigada a indenizar os vencedores 30.000.000 de dólares.

A morte de cerca de 9.000.000 milhões de pessoas e mais de 20.000.00 de feridos ou mutilados com negativos reflexos em suas famílias.

Consolidação da hegemonia econômica dos Estados Unidos, Inglaterra e Japão sobre as potências vencedoras do conflito, menos afetadas pela guerra.

Devolução pela Alemanha a França da Alsácia e Lorena que ela havia perdido na Guerra Franco Prussiana de 1871 e rendição incondicional da Alemanha que foi obrigada, inclusive, a devolver todo o seu precioso material bélico pesado aos Aliados e inclusive seus submarinos e aviões de guerra e pagar pesadíssimas indenizações. E além disto proibida de possuir Marinha e Aeronáutica e somente um pequeno Exército de voluntários. Isto seria causa para iniciar a 2ª Guerra Mundial que foi liderada por Adolf Hitler, que lutara nesta guerra como cabo de Esquadra.

Independência da Finlândia, Letônia, Estônia, Lituânia, às expensas da Rússia, em cujo império constituíam nacionalidades à parte.

Renascimento do Estado Polonês, com as áreas que lhe haviam sido subtraídas, no século XVIII, pela Áustria, Rússia e Prússia, e independência da parte que, sob o nome de Reino da Polônia, se achava sob o domínio dos Czares.

Tchecos e Boêmios se libertam da Áustria e passam a constituir a Tchecoslováquia..

A Hungria se separa da Áustria, realizando assim o sonho nacionalista que fracassara em 1848.

A Sérvia engrandecida se transforma na Jugoslávia.

A França e a Inglaterra, além de preservarem seus domínios coloniais, passaram a exercer Mandatos sobre as ex-colônias alemãs da África e sobre áreas do Oriente Médio.

No Oriente Médio surgiram, às expensas do Império Otomano os seguintes novos Estados: Síria, Líbano, Iraque e Transjordânia..

Adquirindo Mandato sobre a Palestina e uma situação vantajosa na Arábia, a Inglaterra, assegurou melhor proteção para o Canal de Suez..

No Extremo Oriente o Japão apossou-se de Kiao Tcheu, na Península do Shantung e das Ilhas Marianas, Carolinas e Marshall..

Finalmente, segundo Arnold Toynbee, o efeito de maior alcance da 1ª Guerra Mundial foi a transferência do Poder da Europa para os Estados Unidos da América.

A derrota das dinastias até então reinantes: Os Hohenzollern, na Alemanha, os Romanov, na Rússia e os Habsburg na Áustria.

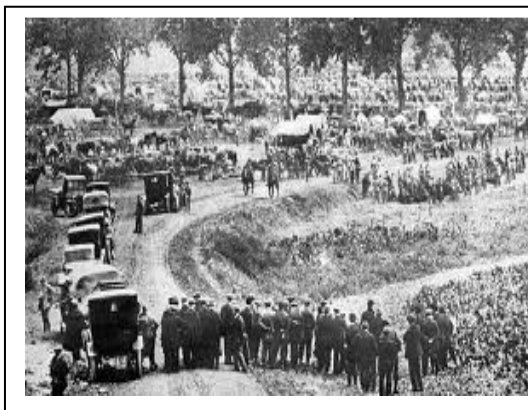
A vitória da Revolução Russa em 1917, liderada por Vladimir Lenin e Leon Trotski.

Criação da Sociedade das Nações, organização internacional para garantir uma paz duradoura.

A invenção de novas máquinas, meios de transportes e armamentos (gases venenosos mostarda, lacrimogêneo, e fosgeno) e tanques de guerra e emprego do avião e do submarino e seus torpedo como arma de guerra,

O emprego do cavalo na 1ª Guerra Mundial

O emprego do cavalo foi limitado em razão de sua vulnerabilidade as metralhadoras modernas, ao fogo de Artilharia e a guerra de trincheiras, com o uso intenso de cercas de arame farpado e fosso das trincheiras e o uso de tanques de guerra substituindo a Cavalaria em missões de choque. Mas os cavalos desempenharam importante papel na Logística. Pois eram melhores que os veículos moto mecanizados em deslocamentos sobre lama profunda e em terrenos irregulares, e indicados para reconhecimento, transporte de mensageiros, tração de peças de Artilharia, ambulâncias e carroças de transporte de suprimentos. Estima-se que cerca de **1.000.000 de cavalos morreram** vítimas de tiros de Artilharia e de gases venenosos e ate por inanição, por falta de forragem em especial no Exército Alemão. E os cavalos mortos concorreram para espalhar doenças e criar um mau estado sanitário do campo de batalha e inclusive com seu esterco. Para algumas tropas combatentes perder um cavalo tinha mais graves conseqüências que a perda de um soldado.

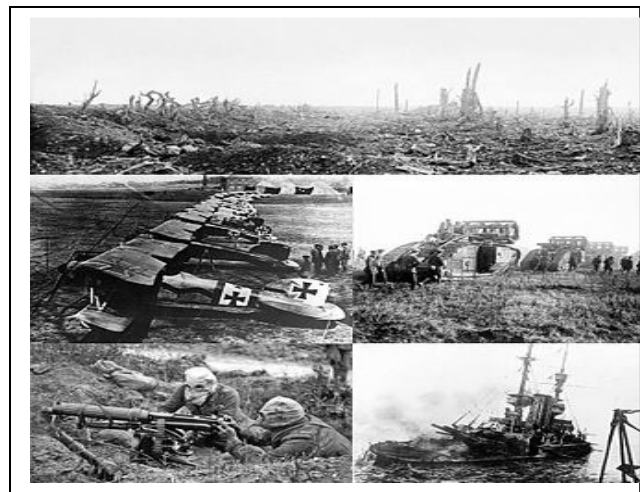


Nas gravuras o Cavalo como arma de choque substituído pelos tanques de guerra por sua vulnerabilidade neste tipo de guerra e o seu uso como tração de carros, ambulâncias carros de comandos e peças de Artilharia na retaguarda, Enfim servindo mais a Logística do que como peça de choque (Fonte fotos da 1ª Guerra Mundial no Google)

Reflexos da 1ª Guerra Mundial na evolução da Doutrina Militar

Confirmou a preponderância na guerra de fatores econômicos

O surgimento dos tanques de guerra como elemento de surpresa técnica e a seguir como elemento decisivo para a Vitória numa guerra de Tri.cheiras .



Na gravura a esquerda um tanque de guerra que causou grande surpresa técnica e substituiu neste tipo de guerra a Cavalaria hipo como arma de choque . No quadro a direita, na parte superior a visao de um campo de batalha,numa frente estabilizada , o o avião como arma de guerra, inovando a Arte Militar . A sua direita um tanque de guerra e abaixo uma guarnição de metralhadora, usando máscaras contra os gases venenosos que se constituíram em surpresa técnica e foram responsáveis por milhares de mortos. E por último uma embarcação atingida por uma mina marítima.(Fonte fotos da 1ª Guerra Mundial no Google)

O emprego de gases venenosos e, em consequência das máscaras contra gases.

O surgimento do lancha chamas e da Guerra Bacteriológica.

O surgimento da tática de infiltração e a conseqüente valorização do Grupo de Combate.

A relevância do uso das metralhadoras, das granadas de mão e maciço das redes de arame farpado.

A afirmação da aviação militar como arma de combate (caças e bombardeiros o e missões pioneiras de reconhecimento).

Na guerra naval ficou comprovada a eficiência dos submarinos com seus torpedos e da minas marítimas.

As novas armas criadas e desenvolvidas pelas potencias industriais durante a guerra corresponderam as expectativas. As metralhadoras ceifaram exércitos. Os tanques espalharam o terror e as cercas de arame farpado atrasaram os ataques dos exércitos e impediram o uso do cavalo. Os aviões de caça e bombardeio inventados pelo brasileiro Alberto Santos Dumont abriram novos horizontes na Arte Militar. Os submarinos com seus

torpedos provaram a sua alarmante eficiência, enquanto o lancha-chamas, os gases venenosos e a guerra bacteriológica fizeram seus primeiros e mortíferos ensaios. As granadas de mão uniram-se às demais para caracterizar um novo e vasto tipo de Guerra Total.

Face os elevadíssimos e gravíssimos índices de perdas humanas e materiais, surgiu no pós-guerra uma nova dimensão dos Estudos de História Militar, não com a finalidade de preparar os exércitos para melhor se prepararem para a guerra, mas sim também, para determinar as causas concorrentes para a guerra, para que as lideranças responsáveis pela condução de seus países as utilizassem para evitar as consequências desastrosas de uma guerra como foi a 1ª Guerra Mundial. Na qual pereceram cerca de 9.000.000 de pessoas, além da projeção destas mortes entre seus familiares.

O BRASIL E A 1ª GUERRA MUNDIAL

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) editou, de Francisco Luiz Vinhosa (do Departamento de História - IFCS/UFRJ), o excelente e original trabalho **O Brasil e a Primeira Guerra Mundial - A diplomacia brasileira e as grandes potências** (Rio de Janeiro: IHGB, 1990), que mereceu o 1º prêmio em concurso literário por ele promovido ao ensejo de seu sesquicentenário.

Segundo o IHGB:

"trata-se de livro bem escrito, estilo claro e equilibrado, notável trabalho de pesquisa e exposição histórica, bem fundamentado, em abundante, árdua e fidedigna documentação, com revelação de importantes documentos dos arquivos oficiais, até então inéditos, além de extensa e pertinente bibliografia - Trata-se de obra da melhor qualidade, com rigor metodológico...".

Concordamos plenamente. E mais, conforme Arthur Cezar Ferreira Reis, "trata-se de obra que evidencia aos brasileiros a notável projeção internacional do Brasil àquele tempo". Mas o trabalho merece uma abordagem, em relação à participação operacional do Exército, ali omitida, o que é compreensível, por tê-lo sido pela própria **História do Exército**, editada em 1972, pelo Estado-Maior do Exército, por ser considerado assunto confidencial, tratado em documentação reservada e somente em 1997 revelada. Assunto que abordaremos adiante.

O Exército e a Marinha do Brasil na 1ª Guerra Mundial (1914-18)

A 1ª Guerra Mundial estourou em 28 de Julho de 1914, quando ia acesa e viva a Revolta do Contestado no Paraná e Santa Catarina 1912-1916..

O Brasil foi o único país neutro que se declarou, a 4 de agosto, contra a invasão alemã da Bélgica. O Governo Alemão decidiu o bloqueio do Brasil, desencadeou uma campanha submarina e o Brasil protestou. E em 3 de abril de 1917, na Costa Ocidental da França, a marinha alemã torpedeou e pôs a pique o navio mercante do Brasil, o **Paraná**. Em janeiro de 1916, mais de um ano antes, um navio alemão colocou minas no litoral brasileiro. Este clima agitou o povo brasileiro que, em protesto, atacou casas comerciais de origem alemã no Rio de Janeiro e em outras cidades.

Em 11 de abril de 1917 o Brasil rompeu relações diplomáticas e comerciais com a Alemanha e dois dias depois o Brasil tomou posse de 45 navios alemães surtos em seus portos. Em 20 de maio de 1917, foi torpedeado o navio **Tijuca**, que navegava na costa francesa. No dia 22 de maio foi a vez do navio **Lapa**.

Por Decreto de 1º de junho de 1917, o Brasil suspendeu sua neutralidade e no dia seguinte permitiu a apreensão de navios alemães em seus portos.

O navio alemão **Palatia**, surto no porto de Santos foi incorporado ao Lloyd Brasileiro com o nome de **Macau**, que foi torpedeado, seu comandante brasileiro foi feito prisioneiro e desapareceu para sempre. Em decorrência, o governo autorizou que fosse ocupada a canhoneira alemã **Eber**, que se encontrava em Salvador. Navio de guerra que foi incendiado e posto a pique por sua guarnição alemã em 10 de dezembro de 1917.

Dos 45 navios mercantes alemães apreendidos pelo Brasil, cerca de 30 foram sabotados por suas guarnições. Em 26 de outubro de 1917, o Brasil reconheceu e proclamou o estado de guerra iniciado pelo Império Alemão. E em 4 de novembro de 1917 foram afundados na saída do Porto de São Vicente, arquipélago do Cabo Verde, os mercantes brasileiros **Acari** e **Guaíba**.

O Exército na 1ª Guerra Mundial

Antecedentes: O Exército Brasileiro participou com destaque na Guerra do Paraguai com concurso dos Voluntários da Pátria, Guarda Nacional e Policiais Militares. Em 1874 surgiu a idéia de formar Engenheiros no Exército, idéia que foi desvirtuada e somente 30 anos mais tarde foi iniciada, para corrigir a divisão do Exército entre **bacharéis** e **tarimbeiros**.

Bacharéis eram os oficiais formados em Engenharia, Ciências Físicas e Matemáticas que passaram a dominar o Exército a partir da Escola Militar da Praia Vermelha. E os Tarimbeiros, oficiais com cursos das Armas e voltados para atividades profissionais militares, ou seja, a Defesa Nacional.

O Exército de 1874/1905 era dominado pelos bacharéis, sendo muito deles adeptos do Positivismo, a Religião da Humanidade que, mal interpretada entre nós, causou sérios prejuízos à operacionalidade do Exército, quando este teve que enfrentar, com operacionalidade por vezes inferior, aos revoltosos na Guerra Civil de 1893/1895 no Sul do Brasil e a seguir, em 1997, a Guerra de Canudos, no Sertão Baiano. Guerras estas vencidas sob a liderança de oficiais tarimbeiros e nas quais, salvo raras exceções, os bacharéis estiveram ausentes no campo da luta. E na falta deles foram recrutados cerca de 500 civis para lá combaterem como alferes.

Ao término da Guerra de Canudos surgiu a consciência do Exército retornar ao profissionalismo militar. Assim, sendo Ministro da Guerra no período pós-guerra de Canudos o General de Divisão João Nepomuceno Medeiros Mallet (1898-1902), veterano da Guerra do Paraguai, deu início à Reforma Militar do Exército (1888-1945) com as seguintes providências iniciais principais:

- Criação do Estado-Maior do Exército, em 1898;
- Criação da Fábrica de Pólvora sem fumaça do Exército, em Piquete-SP, a única no gênero na América do Sul, liberando o Exército e Marinha da dependência externa;

Em 1904 ocorreu na Escola da Praia Vermelha a Revolta da Vacina Obrigatória. Revolta que foi dominada por veteranos e filhos de veteranos da Guerra do

Paraguai. Em decorrência, a Escola Militar foi fechada, sendo extinta em 1905. Foi baixado o Regulamento de Ensino de 1905, de profissionalização do Ensino no Exército. Regulamento do qual resultou a criação, em Porto Alegre, no Casarão da Várzea, da Escola de Guerra de Porto Alegre. Nome para não deixar dúvida de sua finalidade e que funcionou de 1905-1911 em Porto Alegre. A partir de 1912 ela funcionou no Realengo onde, em 1913, ela foi transformada em Escola Militar do Realengo (1913-1944).

O clima de guerra na Europa pairava no ar. E no Brasil o nosso Exército não formava reservas. E era de longa data um Exército profissional, mas sem reserva a ser mobilizada em emergências. Era impositivo atualizar-se doutrinariamente.

E neste esforço de construir reserva antes da eclosão da 1ª Guerra Mundial surgiu a providência da criação dos Tiros de Guerra.

Em 1905, o Marechal Hermes da Fonseca, comandante da 1ª Região com ela realizou manobras em Santa Cruz, RJ, reeditando manobras ali realizadas em 1885 pelo Conde D'Eu, do qual fora Ajudante de Ordens. Por esta razão, por proposta nossa, acolhida pelo Escalão Superior, a 1ª Região Militar recebeu a denominação histórica de Região Marechal Hermes da Fonseca. Autoridade que, em 1908, como Ministro da Guerra, criou as Brigadas Estratégicas e adquiriu na Europa Fuzis Mauser 1908, Metralhadoras Madsen e canhões Krupp, com as respectivas fábricas de munições, que foram instaladas no Realengo.

Em 1910-12, como Presidente da República, Hermes da Fonseca enviou oficiais para realização de cursos no Exército Alemão, então considerado o de maior nível operacional. Estes oficiais, de retorno da Alemanha fundaram, em 20 de setembro de 1913, no Clube Militar a revista **A Defesa Nacional**, cuja saga recordamos no Informativo **O Guararapes** nº 13/2013 da FAHIMTB no centenário da revista. Fundação ocorrida no 2º ano da Revolta do Contestado (1912-16), onde o Exército colheu preciosos ensinamentos que registramos em nosso livro **A Pacificação do Contestado (1912-1916), nas Memórias e Ensinamentos Militares de seu Pacificador** (Resende: FAHIMTB/IHTRGS, 2013).

A Comissão de Estudos de Operações e de Aquisição de Material na França, 1918/19

Esta Comissão foi enviada à França, composta de 24 oficiais, sob a chefia do General Napoleão Felipe Aché com o fim de absorver, durante a Guerra, a maior quantidade de conhecimentos da Doutrina Militar Francesa e adquirir o material necessário à sua implantação no Brasil. Os oficiais dessa Comissão combateram no Exército da França, de modo que oito deles foram promovidos por atos de bravura.

Constituíram a Comissão, além do General Aché, o Tenente-Coronel José Fernandes Leite de Castro (Sub-chefe), o tenente Octávio M. Aché (Secretário), o tenente José Nery Eubank Câmara (Administração), o Major médico Joaquim M. Sampaio (Veterinário). Da Aviação, os tenentes Alzir M. Rodrigues Lima, Mário Barbedo e Bento R. Carneiro Monteiro. Da Artilharia, tenentes Demócrito Barbosa, Sebastião Rego Barros e Carlos de Andrade Neves. Da Infantaria, major Tertuliano Potiguara, capitão Praxedes T. da Silva Júnior e tenente Onofre M. Gomes de Lima. Da Cavalaria, major Firmino Antônio Borba, tenentes Izauro Reguera, José Pessoa Cavalcanti de Albuquerque e Cristóvão de Castro Barcellos. E ainda, Major médico Rodrigo de A. Aragão Bulcão, e capitães médicos Cleomenes L. de

Siqueira Filho, João Afonso de Souza Ferreira, Alarico Damázio, João Florentino Meira, Manoel Esteves de Assis e tenente Carlos da Rocha Fernandes.

Dentre as contribuições à Doutrina do Exército trazidas por esses oficiais registram-se: sua influência na contratação de missões militares francesas para a nossa Aviação Militar e para o Exército; a introdução de Blindados em nosso Exército, a reformulação do ensino do nosso Exército nos moldes da França; a idealização da construção da AMAN com suas mais caras tradições; a implantação de nossa Aviação Militar; a doutrina de emprego de gases e a atualização das doutrinas de Artilharia de Costa e de Campanha, Infantaria, Cavalaria e Saúde.

Esses elementos foram pontas-de-lança do trabalho aqui desenvolvido pela **Missão Militar Francesa** (MMF) (1920-39), que foi substituindo, a partir de 1921, a influência da Doutrina Alemã (1910-21), a qual foi exercida através de oficiais que estudaram na Alemanha (1910-12), tendo como principais instrumentos de difusão a revista **A Defesa Nacional**, criada por eles em 1913, e a **Missão Indígena**, da Escola Militar do Realengo (1919-21), viveiro de grandes soldados nacionalistas.

Com a revolução de 1930, dois deles, se destacaram no Exército, os então generais Leite de Castro, que combateu na Artilharia da França, e o coronel José Pessoa Cavalcante de Albuquerque, que combateu na Cavalaria. Segundo o seu biógrafo, o acadêmico da FAHIMTB Cel Hiram Freitas Câmara em seu livro **Marechal José Pessoa - A Força de um ideal**, para o qual contribuimos com subsídios diversos.

“Durante a campanha, o Tenente José Pessoa assumiu o Comando do 1º Pelotão de um Esquadrão do 4º Regimento de Dragões, composto de soldados turcos extremamente agressivos. O espírito do Marechal ficou muito marcado pela impressão causada por esses soldados rústicos, verdadeiras máquinas combatentes. Recordou-se José Pessoa da impressão que aqueles soldados lhe haviam causado, capazes de, por sua impulsão levá-lo a atos de bravura que sem eles não seria possível realizar. Nesse momento, havia orgulho em seus olhos. Outras vezes, havia horror. Como ao lembrar daqueles homens ofertando-lhe, num preito da mais profunda admiração, um fio, do qual pendiam, como em um colar, as orelhas cortadas das cabeças dos inimigos que haviam acabado de vencer, em encarniçada luta corpo a corpo. É de se imaginar aquele jovem Tenente, tão impressionado com o polimento social dos oficiais franceses e com um profissionalismo guerreiro quase romântico, ao estilo da Cavalaria medieval, plena de regras elegantes e éticas, em presença do insólito presente”.

José Pessoa recebeu inúmeros elogios de seus comandantes franceses: do General H. Lasson, da Divisão de Cavalaria, do Coronel De Fournas, do 4º Regimento de Dragões e do Capitão De Vivres, de seu Esquadrão.

Quase ao final da guerra, o Tenente José Pessoa foi acometido de tifo, doença muito grave para as condições da época, requerendo cuidados que fizeram com que o jovem oficial fosse evacuado para um Hospital na França, onde apaixonou-se por uma bela jovem inglesa, enfermeira voluntária da Cruz Vermelha na França, com a qual se casou em 1918, antes mesmo de terminar a guerra. O retorno ao Brasil, após realizar curso na Escola de Carros de Versalhes, separou-o por seis meses de sua esposa, D. Blanche Mary Edward

Cavalcanti de Albuquerque. O Marechal José Pessoa consagrou-se também como escritor e historiador militar o que abordamos em seu centenário na Revista do Clube Militar em set/out 1985, p.38/39 sob o título: O Escritor Militar Marechal José Pessoa. E dentre os seus trabalhos o Livro Tanques de Guerra, com apoio em seu curso em Versalhes.

Consagrou-se herói do combate de São Quentim o já legendário herói do episódio da Revolta da Vacina Obrigatória na Escola Militar da Praia Vermelha em 1904 e da Revolta do Contestado o, mais tarde, General Tertuliano Potiguara.

Este assunto foi objeto de profundo e original resgate pelo então Major de Engenharia Genino Jorge Cosendey, nosso sub-comandante no 4º Batalhão de Engenharia de Combate em 1982, em **Monografia para a ECEME** (1987). Foi assunto por nós sugerido e apoiado pelo Arquivo Histórico do Exército (AHEx), que então dirigíamos e no sentido de preencher lacunas na História do Exército, como esta aqui focalizada. Seu trabalho, o publicamos como Diretor da Revista do Clube Militar no Centenário do Clube sob o título: **Uma verdade esquecida, o Exército na 1ª Guerra Mundial**, em seu nº 282, p.16/17.

Dentre as contribuições à Doutrina do Exército trazida por oficiais da **Comissão de Estudos, Operações e Aquisições** registram-se: sua influência na contratação da Missão Militar Francesa (MMF) para nossa Aviação Militar e para o Exército. Esta, realizada pelo nosso Adido Militar na França, o então Capitão Alfredo Malan D'Angrone. História da Missão Militar Francesa resgatada por seu filho Gen Ex Alfredo Souto Malan, então Chefe do Estado Maior do Exército, para o que coperamos como membro da Comissão de História do Exército a ele subordinada. E sua pesquisa só foi publicada em 1988 sob o título **A Missão Militar Francesa de Instrução junto ao Exército Brasileiro**. MMF que atuou no Brasil de 1920-1939, chefiada por um general e constituída por vinte instrutores que assumiram funções de instrutores na ECEME, EsAO, Escola de Aviação, Curso de Oficiais de Intendência e Curso de Equitação. Menos na Escola Militar do Realengo, onde atuava desde 1919 a **Missão Indígena**, constituída de oficiais brasileiros selecionados em Concurso pelo EME e em maioria possuidores de cursos no Exército Alemão em 1910/1912. Mais tarde ali passou a atuar um instrutor francês como sub- diretor de ensino militar.



A chegada da Missão Francesa no Brasil vendo-se a extrema esquerda o General Maurice Gameli, o chefe da Missão. (Fonte:EME História do Exército Brasileiro 1972).

Com a revolução de 30, dois deles, os então generais Leite de Castro, que combateu na Artilharia da França, e o coronel José Pessoa Cavalcante, que combateu na Cavalaria, tiveram marcante projeção na construção da AMAN e nas tradições da mesma (uniformes históricos, espadim de Caxias, Corpo de Cadetes, etc.) e no seu ensino, segundo padrões de Saint Cyr. O Coronel José Pessoa reforçou o ensino de História Militar e introduziu o ensino de Geografia Militar, no sentido da análise do fator da Decisão Militar - o Terreno, nos seus diversos níveis operacionais. Assunto que na França merecia grande importância. Pois era professor de História Militar Crítica na Escola Superior de Guerra na França o General Ferdinand Foch, que assumiu o cargo de chefe de Estado-Maior do Exército Francês e, em 1918, somou mais uma vitória, ao conseguir ganhar a Segunda Batalha do Marne. “Líder militar muito perspicaz” segundo Winston Churchill, cujo pensamento a seguir incorporamos nos diplomas concedidos pela Federação de Academias de História Terrestre do Brasil (FAHIMTB) que desde 23 de fevereiro de 1911, no bicentenário da Academia Militar das Agulhas Negras, iniciou a sua instalação em seu interior com o seu precioso acervo de História do Exército à disposição de pesquisadores interessados.

“Para alimentar o cérebro de um Exército na paz, para melhor prepará-lo para a eventualidade indesejável de uma guerra, não existe livro mais fecundo em lições e meditações do que o livro da História Militar”.

Em 1996, o professor Ivan Rodrigues de Faria, neto do Marechal Caetano de Farias, Ministro da Guerra do Brasil durante a 1ª Guerra Mundial, desenvolveu bastante a participação do Brasil na 1ª Guerra Mundial em precioso artigo ilustrado ‘Participação do Brasil na Primeira Guerra Mundial’ na **Revista do Exército Brasileiro**, volume 133, 3º trimestre 1996, p. 67/75

Pereceram nesta guerra, na Europa, ou em função dela dois combatentes brasileiros netos do ex-Imperador do Brasil D. Pedro II, bisnetos do ex-Rei da França Luiz Felipe de Orleans e filhos do príncipe francês Luis Ferdinand Gaston de Orleans - Conde D’Eu e Marechal do Exército Imperial do Brasil: D. Luiz, que combateu no Exército da França, falecido em 24 de maio de 1920 em decorrência de doença adquirida nos campos de batalha, e D. Antonio, que combateu como Capitão no Royal Canadian Dragoons. Em missão de guerra, atravessou o Canal da Mancha de avião, o qual caiu em Edmonton, tendo ele falecido em Hospital Militar e sido agraciado post mortem com a **Croix de Guerra**. Abordamos com mais detalhes este assunto em nosso livro em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis **Artilharia Divisionária da 6ª Divisão de Exército - AD/6 - AD Marechal Gastão de Orleans**. Porto Alegre: AHIMTB, 2003.

Os ministros da Guerra citados Nepomuceno Medeiros Mallet e Hermes da Fonseca, eram gaúchos filhos de São Gabriel, **“A Terra dos Marechais.”** E Caetano de Farias foi professor de Matemática no Casarão da Várzea, atual Colégio Militar de Porto Alegre. O Marechal Caetano de Farias, José Caetano de Farias foi destacado Chefe do Estado-Maior do Exército e Ministro da Guerra quando Pacificação do Contestado e durante a 1ª Guerra Mundial e os resgatamos a sua vida e obra na Revista **A Defesa Nacional** nº 724, 1986, p.93/124 sob o título: **O Marechal Caetano de Farias e sua projeção com Chefe dos Estado-Maior do Exército na Reforma Militar.**

A Missão Médica do Brasil enviada a Paris na 1ª Guerra Mundial



Foto da Missão Médica do Exército tendo ao centro o Presidente Wenceslau Braz. Foi enviada para Paris para cooperar com os Aliados na 1ª Guerra Mundial (Fonte: BIBLIEx. O Exército na História do Brasil. v.3)

A expedição foi chefiada por Nabuco de Gouveia, homem de representação na classe médica e merecedor da confiança do Ministro da Guerra, General Caetano de Faria. Deputado, cirurgião, Professor de Ginecologia e Diretor do Hospital da Gambôa. Foi comissionado no posto de Coronel do Exército. A Missão era composta de 10 Diretores de Serviço, servindo na categoria de tenente-coronel; 20 chefes de Enfermaria, no grau de capitão; 29 médicos na classe de 1º Tenente; 8 auxiliares como 2º Tenente e 15 doutorandos na mesma categoria. Farmácia, intendência e Secretaria. Incorporadas, uma delegação do Corpo de Saúde do Exército, com 5 representantes e outra da Marinha de Guerra, com 6 oficiais, e um contingente de 31 soldados. A Missão Médica foi constituída de 131 combatentes de Saúde. Toda ela foi organizada na base da competência, sem influência política. A Missão Médica chegou na França a 24 de setembro de 1918, pelo porto de Marselha, depois de uma viagem acidentada, cheia de privações. Uma vez em Paris, foram todos entregues ao Alto Comando francês que os distribuiu pelas Províncias, a fim de imediatamente prestarem serviço contra uma epidemia de gripe, que dizimava a população civil, enfraquecia a linha de frente e prejudicava a ação da retaguarda. Do Ministério da Saúde Pública, receberam elogios e distinta condecoração: **Reconnaissance Française**.

Enquanto uns foram espalhados pelo interior e cooperavam na saúde pública em geral, outros trabalhavam na Montagem do Hospital Brasileiro, remodelando o prédio de um antigo convento de Jesuítas, que existia na rue Vaugirard. A instalação foi feita em mês e meio de trabalho acelerado. E seu Diretor Nabuco Gouveia deu provas de sua capacidade de organização. Seus auxiliares diretos receberam a medalha **Legião de Honra**: Tenentes -

coronéis Benedito Montenegro, Eduardo Borges da Costa, Paulo Parreiras Horta e Jorge de Toledo Dodsworth. Nabuco já era legionário. O estabelecimento, classificado logo como de primeira classe e em condições de receber feridos, ficou nivelado ao hospital americano de Neuilly, no dizer dos próprios franceses, pelo General Fevrier, inspetor sanitário da Região.

Depois que o General Roger, o Chefe do Serviço de Saúde, na Praça de Paris, visitou o Hospital Brasileiro às 6 horas da manhã, declarou que não pensava encontrar um hospital tão bem montado. E daí em diante o Hospital Brasileiro passou a receber os casos tidos como de grandes feridos. Nele dirigiam a seção de cirurgia os coronéis Benedito Montenegro, Mauricio Gudin, Borges da Costa e Torreão Roxo, auxiliados pelos mais jovens: Ernani de Faria Alves, Alfredo Monteiro, Roberto Freire e Pedro Paulo Paes de Carvalho. Este último já se achava na Europa, trabalhando no Hospital Franco-Brasileiro, mantido pela Colônia à rue de La Pompe e dirigido pelo grande cirurgião Paulo do Rio Branco, filho do Barão do Rio Branco.

Terminada a guerra, foi extinta a Missão, em fevereiro de 1919. O Hospital, daí em diante, ficou sob a direção exclusiva dos médicos-titulares do Exército e da Marinha sob a chefia do Coronel-médico Rodrigo de Araújo Aragão Bulcão, que já se achava na Europa. O Hospital Brasileiro ficou subordinado ao General Napoleão Aché, chefe da **Comissão de Estudos de Operações de Guerra**.

Seis meses depois, o nosso Governo doou o Hospital Brasileiro com todo o seu precioso equipamento à Faculdade de Medicina de Paris. Quem hoje subir as encostas da rue Vaugirard, há de ler, no bronze, em grande fachada, o nome **Hôpital Brésilien**, atestado vivo do esforço de alguns brasileiros que ali contribuíram com o esforço de guerra aliado.

A Divisão Naval em Operações de Guerra - DNOG

Em 1917, durante a 1ª Guerra Mundial, submarinos alemães torpedearam 8 navios brasileiros: **Rio Branco, Pará, Tijuca, Macaé, Guaíba, Acari Taquari e Maceió**.

Em 31 de Dezembro de 1917, ficou decidido o envio de uma Divisão Brasileira composta dos cruzadores **Bahia** e **Rio Grande do Sul**, dos contratorpedeiros **Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba** e **Santa Catarina**, do transporte **Belmonte** e do rebocador de alto mar **Laurindo Pita**, para colaborar com o esforço de guerra aliado em conjunto com unidades navais da Inglaterra, França e Estados Unidos, cabendo-lhe vigiar o setor compreendido pelo quadrado: DACAR - SÃO VICENTE - ARQUIPELAGO CABO VERDE - GIBRALTAR.

Foi nomeado comandante desta força naval, que passou à História como **Divisão Naval em Operações de Guerra (DNOG)**, o Contra-Almirante Pedro Paulo de Frontin. De sua guarnição fazia parte o Capitão-Tenente Melciades Portela Ferreira Alves, como imediato do cruzador auxiliar **Bahia**, e que mais tarde atingiu o posto de Almirante de Esquadra Fuzileiro Naval, depois de haver sido o Comandante Geral dos Fuzileiros Navais. Era parente próximo dos irmãos Portela Ferreira Alves. J. V. e Neomil, destacados integrantes da FAHIMTB. J. Vitorino com acadêmico emérito e Neomil como patrono de cadeira e ambos editores do jornal **Letras em Marcha**.

Em 14 de maio de 1918 deixou o porto do Rio o navio- capitânia da DNOG, o cruzador **Rio Grande do Sul**, depois de receber visita do Presidente da República Dr. Wenceslau Braz. Em 1º agosto de 1918 a DNOG deixou o arquipélago de Fernando de

Noronha com destino a Freetow (Serra Leoa). A guarnição da DNOG entre praças e oficiais era de 1502 voluntários para representar o Brasil no Teatro de Operações da 1ª Guerra Mundial.

Em 9 de agosto a DNOG aportou em Freetown. Em 25 de agosto de 1918, sofreu um ataque mal sucedido de um torpedo inimigo. No dia 26 de agosto a DNOG fundeu em DACAR.

A Gripe Espanhola atacou a DNOG

Em 6 de setembro de 1918 a DNOG foi atacada violentamente pela Gripe Espanhola. Alguns de seus navios ficaram com 95% de seus efetivos completamente prostrados. O Capitão-Tenente Orlando Marcondes Machado, imediato do cruzador capitânia, assim descreveu a tragédia da DNOG em seu trabalho intitulado: **A nossa hecatombe em Dacar.**

“Emudeceram-se os tambores e as cornetas. Paralisou-se a movimentação de tudo a bordo. Parou a ventilação; apagou-se a luz; acabou-se a água destilada; apagou-se o fogo das cozinhas. O tratamento de cerca de 300 homens oficiais e praças durante alguns dias ficou a cargo de dez ou doze abnegados heróis. Os primeiros homens mortos foram enterrados em caixões. Os demais atados em pedaços de tábuas. Alguns tiveram suas pálpebras cerradas; outros não tiveram quem lhes prestasse esta homenagem. Os cadáveres eram entregues a uma lancha francesa que fazia este serviço recebendo os mortos aliados nos diversos navios

Segundo o saudoso acadêmico emérito CMG (FN) Dino Wily Cozza, já falecido, em artigo na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**:

“Quem entrasse no cemitério de DACAR teria a sua atenção voltada para uma grande área em que se agrupavam 156 sepulturas brancas, perfeitamente iguais, em torno de um singelo símbolo que assinala o céu de nossa pátria, e que discretamente sobre ela se debruça, para ouvi-la se acaso ela soluça...”

Referia-se o saudoso Comandante Fuzileiro Naval Dino ao Cruzeiro do Sul.

Mesmo no contexto desta tragédia o Contra torpedeiro **Piauí** deixou Dacar para policiar as águas adjacentes ao arquipélago de Cabo Verde. Permaneceu nesta missão de 9 de setembro a 21 de outubro de 1918. Dos sete médicos da DNOG, dois deles pagaram com a vida.

Em 1928, decorridos 10 anos da hecatombe da DNOG em Dacar, os restos mortais dos 156 marinheiros brasileiros mortos vítimas da Gripe Espanhola foram exumados, repatriados e sepultados no Cemitério São João Batista.

Em 11 de novembro de 1918 foi assinado o Armistício que pôs fim à 1ª Guerra Mundial. No dia 9 de junho de 1919 a DNOG, com o **Bahia** à frente, entrava na Baía da Guanabara, sendo entusiasmadamente recebida pelo Povo, Imprensa, Marinha Mercante, Autoridades navais e Governo. A DNOG foi dissolvida em 25 de junho 1919.

Aqui fica a homenagem da FAHIMTB a estes bravos 156 heróis de nossa Marinha de Guerra que imolaram suas vidas em defesa do Brasil.

Bravos marinheiros que, segundo Péricles, líder grego cujo século levou o seu nome:

“Aqueles que morreram em defesa de sua pátria fizeram mais por ela naquele instante que os demais em todas as suas vidas”.

Aqui, a FAHIMTB sugere que os restos mortais daqueles 156 bravos marinheiros sejam retirados do Cemitério São João Batista e colocados em destaque, talvez num Monumento aos Mortos da Marinha Brasileira na 1ª Guerra Mundial ou em outro local condigno. E a oportunidade do centenário da 1ª Guerra Mundial é ideal para esta iniciativa. E aqui fica a sugestão da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil.



A FAHIMTB E AHIMTB RS Gen Rinaldo Pereira Câmara contribuíram com artigos na obra do Círculo de Pesquisas Literárias em sua Revista **1ª Guerra Mundial – reflexos no Brasil**, com artigos de nossa autoria e do Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, focalizando com destaque a atuação do Ten Cav José Pessoa, o futuro idealizador da AMAN e, a FAHIMTB e do Prefácio abordando o Exército do Brasil na 1ª Guerra Mundial. do livro **Cumpra o seu dever ...volte se puder!** dos irmãos franceses, a escritora Jacqueline Gaston- e Philippe Maricourt, residentes no Brasil desde 1951, com apoio em cartas à família de seu tio René Maricourt, que lutou nesta guerra como soldado e cabo, do 25º Regimento de Infantaria, até tombar mortalmente ferido em 4 de maio de 1917, atingido por um estilhaço de obus na frente no Monte Cornillet no Marne, vindo a falecer no dia seguinte. Suas cartas dão uma idéia do que foi a realidade desta guerra, ao interessados no assunto.. O citado livro foi publicado na França sob o título:” **Fais ton devoir...Reviens si tu peux**” e agora no Brasil com ISBN 978-85-366-3595-8 pelo Grupo Editorial Escotercci CP 11481- São Paulo CEP 05422-970 email editora@scortecci.com.br

Outras fontes consultadas

AMAN.**História da Doutrina Militar**. Volta Redonda: Gazetilha, 1978.

BENTO, Claudio Moreira. Marechal José Pessoa o escritor militar. **Revista Clube Militar**, 1985.

BIBLIEx. **O Exército na História do Brasil**..Salvador : Odebrechet, 1998.v.3

Câmara . Hiram Freitas.**Marechal José Pessoa. A Força de um ideal** . Rio de Janeiro: BIBLIEx,1985.

EME **História do Exército Brasileiro Perfil Militar de um Povo**. Rio de Janeiro;Sergraf,1972.v.2

Editor Cel Claudio Moreira Bento. Jornalista e Presidente da FAHIMTB e AHIMTB/Resende.

Informativo artesanal sem pretensões de precisão literária .Patrocínio FHE- POUPEX.

- (x) O autor é natural de Canguçu, fundador e Presidente da Federação das Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS). Integra o CIPEL, o IHTRGS e a Academia Rio-Grandense de Letras. Endereço: Rua Florença 266, Jardim das Rosas, Itatiaia-RJ, CEP 27.580-000. E-mail: bento1931@gmail.com